

## **Os que Pecam e os que Absolvem: sobre penitentes, pecados, sacerdotes, absolvição e fé na Idade Média**

*Rute Salviano Almeida*

---

### **Resumo**

Tendo em mente a visão dualista que permeava a Idade Média, esse artigo reflete sobre o dualismo no campo espiritual: os santos e os pecadores, aqueles que detinham o poder de absolver e os que se sentiam esmagados pela culpa e pelo medo da danação eterna. Ele está dividido em três tópicos: o penitente e seus pecados; o confessor e sua absolvição e a fé medieval. O objetivo do mesmo é observar a mentalidade espiritual daquela época e refletir no contraste: da era que cria crédulamente na pregação dos sacerdotes romanos e da época atual que descrê desconstruindo os fundamentos cristãos.

Palavras-chave: Fé, Idade Média, História do Cristianismo, pecado, confissão, absolvição.

---

### **Abstract**

The sinners and the priests: about sacrifices, sins, priests, forgiveness and faith in the middle ages

Keeping in mind the dualistic world view that permeated the middle ages, this article has a its objective to reflect about this dualism in the spiritual area: the saints and the sinners. Those who had the power to forgive and the ones who felt overwhelmed by guilt and the fear of eternal damnation. The article has also as it's objective to observe the spiritual mentality of the age, analyzing the contrast between an era that believed blindly in the roman priests and one marked by disbelief, demolishing the Christian foundations.

Key words: Faith, middle ages, history of Christianity, sin, confession

---

### **Introdução**

Le Goff escrevendo sobre a sociedade medieval apresenta-a como constituída por um povo triplo: os sacerdotes, os guerreiros e os camponeses; categorias distintas, mas complementares. Porém, ele também constata que, muitas vezes, essa sociedade reduz-se ao confronto entre dois grupos: “os clérigos e os leigos numa certa perspectiva, os poderosos e os fracos, ou os grandes e os pequenos, ou ainda os ricos e os pobres quando apenas se considera a sociedade laica, e os livres e os não-livres quando se está no plano jurídico.”<sup>1</sup>

Naquela época, observa-se uma minoria detendo o poder e a massa submetendo-se. Nesse artigo pretendemos acrescentar um outro confronto, agora dentro de um plano espiritual: os que pecam e os que absolvem, pois pode-se também observar uma grande multidão de pecadores e uns poucos considerados mais puros e com poder para absolver os culpados.

---

<sup>1</sup> LE GOFF, Jacques. A civilização do ocidente medieval. Vol. II. 2ª edição. Tradução de Manuel Ruas, Lisboa: Estampa, 1995, p. 9-12

O tema desse texto é baseado no diálogo entre um soldado violento e um bispo. O soldado, casado pela segunda vez, exige, de espada em punho, a absolvição do bispo. Ele grita para o sacerdote:

- Absolve-me ou eu te mato!
- O bispo, calmamente, estende-lhe o pescoço e diz:
- Fere!
- Ao que, o soldado retruca:
- Não, não te amo a ponto de mandar-te diretamente para o Paraíso!<sup>2</sup>

Essas palavras seguras saídas da boca de um homem medieval servem para ilustrar o tipo de fé daquela época. Era uma fé que não mudava o comportamento, que não melhorava a pessoa, mas que lhe dava uma convicção plena naquilo em que acreditava. A fé desse soldado não lhe dava amor (não te amo), mas lhe dá certeza de que o sacerdote iria para o paraíso.

Para ilustrar ainda mais a divisão sugerida pelo tema: os que pecam e os que absolvem, será colocado outro pedido de absolvição à um padre. Esse foi feito por um poeta da época, um goliardo<sup>3</sup>, que de igual modo crê na santidade do ministro, da mesma maneira que acredita ser um grande pecador. As estrofes citadas foram extraídas das “Confissões de Golias”:

Padre, discreto entre os discretos,  
Dá-me a absolvição!  
É grata a morte que me leva,  
É doce extinguir-me,  
Pois meu coração sofre  
Da meiga doença que a beleza traz;  
Todas as mulheres que não alcancei  
Possuo em minha ilusão.

É tão difícil conseguir  
Que a natureza se renda  
E junto às belas, corar e fingir  
Que se é o campeão da inocência!  
Nós, os moços, não submeteremos jamais  
Nossos desejos à lei severa,  
Nem afastaremos do pensamento  
Esses corpos macios e ternos.<sup>4</sup>

O poeta anseia a morte, como único meio de libertação de seus desejos carnis. Ele reconhece sua natureza pecaminosa, mas ao padre considera um “discreto entre os discretos” e lhe suplica absolvição.

<sup>2</sup> ROPS, Daniel. A igreja das catedrais e das cruzadas. Tradução Emérico da Gama. S. P: Quadrante, 1993. p. 44

<sup>3</sup> goliardo: termo derivado de um fictício líder, Golias (na etimologia simbólica ligado à gula e ao Diabo), para designar estudantes pobres e clérigos errantes que na Idade Média Central criticavam a sociedade estabelecida. (Informação extraída do Glossário de FRANCO JR., Hilário. A idade média: nascimento do ocidente, p. 191)

<sup>4</sup> SYMONDS, J. A. Wine, women and song, p. 66, apud. BURNS, Edward McNall. *História da civilização ocidental*. Vol. 1. Porto Alegre: Globo, 1981, p. 381.

## 1. O Penitente e Seus Pecados:

Ao homem da Idade Média foi inculcada uma noção de pecado e, por isso, ele é um homem penitente e, mesmo não sendo monge (o penitente por excelência), procura na penitência o meio de assegurar sua salvação. Ele vive na dualidade corpo/alma; e é o corpo, que sofre o desprezo do cristianismo medieval, o responsável pela salvação ou pela condenação.<sup>5</sup>

O corpo, portanto, é considerado perigoso: é o lugar das tentações; dele, de suas partes inferiores, surgem naturalmente as pulsões incontrolláveis; nele se manifesta o que depende do mal, concretamente, pela corrupção, pela doença, pelas purulências às quais nenhum corpo escapa; sobre ele se aplicam os castigos purificadores que expulsam o pecado, a falta. Testemunha, o corpo denuncia as particularidades da alma por seus traços específicos, a cor dos cabelos, a tez, mas também, em casos excepcionais, pela maneira pela qual suporta o ordálio, a prova da água ou do ferro em brasa. Pois a alma transparece através do corpo que a contém. O corpo é sentido como um invólucro, um habitáculo. Como uma casa. Ou antes como um pátio, uma clausura.<sup>6</sup>

O homem medieval estava convencido de que só podia obter a remissão dos pecados através de dolorosa expiação. O corpo era o terreno de predileção das forças do mal. Era necessário, portanto, humilhá-lo e quebrá-lo com mortificações: “Essa espiritualidade, centrada no combate do homem contra si mesmo, resultava naturalmente em uma religião das obras, pois os fiéis só podiam esperar deter a cólera do Deus-Juiz multiplicando as práticas de devoção e de caridade”.<sup>7</sup>

Exemplificando essa afirmação encontra-se o decreto do monge Graciano, escrito por volta de 1140, que institui: “É permitido aos leigos ter uma esposa, cultivar a terra, julgar e intentar processos, depositar suas oferendas no altar, pagar o dízimo. Se fizerem isso, poderão ser salvos, com a condição de evitar os vícios, pela prática da benemerência”.<sup>8</sup>

Os homens e mulheres da Idade Média eram dominados pelo pecado, que estava na origem das práticas rituais: o batismo, a confissão, o jejum, a punição corporal, a oração e a peregrinação. Existia à época, uma intensa e até maníaca atividade de classificar os pecados. Durante séculos, os monges elaboraram listas e hierarquias de pecados que eram adaptados a um programa de ascetismo. Os clérigos as utilizavam na prática da confissão e do sermão.

A partir do séculos XII e XIII (período tratado nesse artigo), há uma classificação baseada nos mandamentos, que irá provocar uma mudança no plano da moral. Aparecem diferentes modalidades: sete pecados capitais; três tentações: pecados de pensamentos, palavras, obras; pecados contra os preceitos do decálogo, etc.

Entre as diversas modalidades de pecado, existe uma que goza de estatuto particular: a divisão em pecados mortais e veniais. Os primeiros são os que arrastam à danação eterna, os segundos não condenam à morte, mas a uma

<sup>5</sup> Le GOFF, Jacques (dir.) O homem medieval. Lisboa: Presença, 1989, p. 13

<sup>6</sup> ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. História da vida privada. Da Europa Feudal à Renascença. Vol. 2. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 315-316.

<sup>7</sup> VAUCHEZ, André. A espiritualidade na idade média ocidental. Tradução Lucy Magalhães, p. 54

<sup>8</sup> GRACIANO. Decret. c. 7, XII, q.I, ed. Friedberg, p. 678, apud. VAUCHEZ, op. cit. p. 54

pena de expiação.(...) O longo trabalho dos teólogos denuncia a dificuldade de encontrar uma definição específica do pecado venial e orienta-se, nas soluções da escolástica da maturidade, para a distinção entre atos que são contra a lei divina (pecados mortais) e atos que estão fora da lei (veniais), isto é, que não implicam em infração direta da ordem divina, mas apenas a deixam momentaneamente de lado.<sup>9</sup>

O homem medieval vivia obcecado pelo pecado, que ele cometia quando se entregava ao Demônio ou quando se declarava vencido pelos vícios. Esses vícios ou pecados capitais transformaram-se no século XX em sete: o orgulho, a avareza, a gula, a luxúria, a ira, a inveja e a preguiça. No século XIII apareceu um texto que declarava os vícios como filhas do Diabo, casadas com os “estados” da sociedades:

O Diabo tem nove filhas que ele casou da seguinte forma:  
 A simonia desposou os clérigos seculares  
 A hipocrisia desposou os monges  
 A rapina desposou os cavaleiros  
 O sacrilégio desposou os camponeses  
 O fingimento desposou os oficiais de justiça  
 A usura desposou os burgueses  
 O luxo mundano desposou as matronas.  
 Tem ainda uma nona filha: a luxúria – que ele não quis casar,  
 mas que oferece a todas as pessoas como amante comum.<sup>10</sup>

O problema do pecado na cultura medieval só pode ser compreendido dentro do vínculo da prática da penitência: “o caráter remissível dos erros e o monopólio que a Igreja exerce sobre o poder de perdoar os pecados e de prescrever punições situam o binômio erro-castigo no interior de um sistema de trocas entre o mundo terreno e o Além (preces, penitências, indulgências)”.<sup>11</sup>

Portanto, o homem medieval, precisava fazer penitências, precisava flagelar-se, precisava punir-se para purgar seus pecados, para se sentir castigado, para pagar com seu sofrimento o que achava que devia. E essa penitência era aplicada por seu confessor: o sacerdote romano.

## 2. O Confessor e Sua Absolvição

O confessor era alguém especial porque era um sacerdote. O abade Abbon de Fleury escreveu que: “Entre os cristãos dos dois sexos, sabemos bem que existem três ordens e, por assim dizer, três graus. O primeiro é o dos leigos, o segundo o dos clérigos e o terceiro, o dos monges. Embora nenhum dos três seja isento de pecado, o primeiro é bom, o segundo melhor e o terceiro, excelente”.<sup>12</sup>

<sup>9</sup> Le GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. Dicionário temático do ocidente medieval. Vol. 1. Coordenador da tradução Hilário Franco Jr. São Paulo: EDUSC e Imprensa Oficial do Estado, p. 337.

<sup>10</sup> Le GOFF, op. cit. p. 25. O texto, anotado na guarda de um manuscrito florentino, omite uma filha.

<sup>11</sup> Le GOFF e SCHMITT, op. cit. p. 347

<sup>12</sup> FLEURY, Abbon de. Apologeticus adHugonum et Rodbertum reges Francorum, PL, 139, c.463, apud. VAUCHEZ, op. cit, p.48

Essa hierarquia baseiava-se no postulado de que a condição carnal é má, portanto quanto mais afastado da carne (sexualidade) mais perfeito. Isso confirma a opinião negativa em relação ao corpo e a qualquer condição humana que não tenha a castidade, ou, pelo menos, o celibato como característica principal. A mulher medieval, quando não era mãe de santo ou monja, era considerada uma figura falsa e cruel, presa constante dos sentidos e de uma emotividade desregrada, destinada a corromper os homens, atraindo-os para os prazeres da carne.<sup>13</sup>

Ao sacerdote não era admitido, portanto, possuir mulher, pois suas mãos consagravam a hóstia. Não era admitido também que suas mãos, que executavam o sacrifício, fossem manchadas pela poluição maior, a que afasta mais resolutamente o sagrado, já que todo contato carnal é fornicação.<sup>14</sup>

Para consagrar a hóstia era absolutamente necessário ser puro. Odon de Cluny, em seu poema *Occupatio*, faz da castidade uma necessidade absoluta para os monges e torna o concubinato incompatível com a função sacerdotal. E para o papa Gregório VII aquele que celebrava o sacrifício da missa devia ser a imagem do Cristo e a castidade do filho de Deus postulava a do ministro do culto. Consagrado ao serviço permanente de louvor oferecido por Jesus ao Pai Celeste, o padre terrestre viveria separado dos fiéis e renunciaria a tudo que pudesse haver de profano na sua existência.<sup>15</sup>

Mas, o que fazia o confessor? Ele devia obter dos penitentes, mesmo dos mais ignorantes e obstinados, a confissão completa dos pecados. Essa nova “cultura do pecado” desenvolveu-se durante o século XIII e abrangeu uma literatura variada: manuais de confessores, súmulas penitenciais, tratados sobre os vícios e as virtudes, planos de interrogatórios:

Essa literatura, que tem enorme desenvolvimento no decorrer dos séculos XIII e XIV, serve-se de doutrinas e classificações elaboradas pelos teólogos, mas despida de seus aspectos mais abstratos, propõe uma imagem do pecado muito menos teórica e mais ancorada na vida cotidiana. Reconhecer seus pecados e medir-lhes a gravidade pela apreciação das circunstâncias que os acompanham; definir individualmente suas conseqüências e os remédios possíveis; estabelecer suas práticas de expiação ou de reparação; conhecer sua difusão em determinados meios, em tal ou tal categoria social; conter sua proliferação evocando as punições terrenas ou as do Além; estes objetivos da nova pastoral são para o historiador meios privilegiados de descrever uma cultura do pecado.<sup>16</sup>

Se as doutrinas da Igreja à época inculcavam um sentimento de pecado, ofereciam, também, os meios de, periodicamente purificar as almas por meio da confissão dos pecados a um sacerdote e de realizar as penitências que fossem impostas. A confissão pública do Cristianismo primitivo foi substituída pela privada. O 4º Concílio de Latrão (1215) tornou a confissão e a comunhão anual uma obrigação solene, cuja negligência excluía dos serviços da Igreja e do sepultamento cristão.

---

<sup>13</sup> VAUCHEZ, op. cit. p. 43-44

<sup>14</sup> DUBY, Georges. Idade média, idade dos homens, do amor e outros ensaios. Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 23.

<sup>15</sup> VAUCHEZ, op. cit, p. 46-47

<sup>16</sup> Le GOFF, SCHMITT, op. cit. p. 348-349

A absolvição por parte do sacerdote produzia bons efeitos, pois dava alívio ao remorso e melhorava a saúde física e moral dos paroquianos. Seus maus efeitos, porém, eram quando usada para fins políticos (os sacerdotes recusavam absolvição aqueles que se colocavam ao lado dos imperadores, contra os papas), como meio de inquisição (os sacerdotes solicitavam dos penitentes os nomes dos heréticos) e quando alguns encaravam a absolvição como uma licença para pecar novamente.<sup>17</sup>

O lado positivo da confissão levou Goethe a afirmar que: “A confissão auricular não deveria jamais ter sido tirada da humanidade”.<sup>18</sup> Ele fez essa ponderação devido ao bem emocional para aquele que se confessava. A confissão servia como uma sessão de atendimento psicológico atual, pois a pessoa desabafava contando o que tinha feito de errado e ainda recebia a absolvição de suas culpas.

A absolvição na confissão removia do pecado a culpa que teria condenado o pecador ao inferno, mas não o absolvía do castigo “temporal” merecido por seu pecado. Somente uma pequena minoria dos cristãos expiava os seus pecados na terra; o saldo da expiação seria cobrado no purgatório.<sup>19</sup>

Nessa minoria estavam os sacerdotes que eram os mediadores na salvação dos leigos que não podiam salvar-se sozinhos. E a fé nos sacerdotes e nas igrejas, à época, era quase inabalável, a tal ponto que o próprio São Francisco de Assis declarou-a em seu testamento:

E o Senhor me deu tanta fé nas igrejas (...) e o Senhor me deu e ainda me dá tanta fé nos sacerdotes que vivem segundo a forma da santa Igreja Romana, por causa de suas ordens, que mesmo que me perseguissem, quero recorrer a eles. (...) E hei de respeitar, amar e honrar a eles e a todos os outros como a meus senhores. Nem quero olhar para o pecado deles porque neles reconheço o Filho de Deus e eles são os meus senhores. E procedo assim porque do mesmo altíssimo Filho de Deus nada enxergo corporalmente neste mundo senão o seu santíssimo corpo e sangue, que eles consagram e somente eles administram aos outros. E quero que estes santíssimos mistérios sejam honrados e venerados acima de tudo em lugares preciosos.<sup>20</sup>

Esse trecho do testamento de São Francisco reforça o porquê dessa tamanha fé nos sacerdotes. Eles administravam os sacramentos, que eram muito venerados. Como exemplo, relatamos a afirmação até mesmo em uma época posterior, de Farel, companheiro de Calvino: “Acredito na cruz, nas peregrinações, nas imagens, votos e relíquias. Aquilo que o padre segura nas mãos, põe dentro da caixa, e fecha, come e dá de comer a outros, é o meu único Deus verdadeiro, e para mim não existe outro, seja no céu ou na terra”.<sup>21</sup>

Para Duran, a Eucaristia, uma das mais antigas cerimônias da religião primitiva – o ato de comer o deus – é hoje amplamente praticada e reverenciada pela civilização europeia e americana. Ele afirma que esse sacramento é o mais importante depois do batismo. Sua origem

<sup>17</sup> DURANT, Will. História da civilização. 4ª parte. Tomo I. Tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho e outros. São Paulo: Cia Editora Nacional. 1957, p. 277-279

<sup>18</sup> GOETHE, in SPENCLER, O. Decline of the west. II, 295, apud DURANT, op. cit. p. 278

<sup>19</sup> DURANT, op. cit. p. 279

<sup>20</sup> ASSIS, Francisco de. Escritos de São Francisco. Testamento. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 167-168

<sup>21</sup> D'AUBIGNÉ, op. cit. p. 126

vem da interpretação literal pela Igreja das palavras de Cristo durante a última Ceia: “este é o meu corpo e este é o meu sangue”.

A característica principal dessa eucaristia era a “transubstanciação” da hóstia de trigo e do cálice de vinho, pelo miraculoso poder do sacerdote, no corpo e no sangue de Cristo. O fiel podia, então, participar do corpo e do sangue de Cristo, bebendo o vinho e engolindo a hóstia. Mas, o fato de beber o vinho transubstanciado trazia o perigo de se derramar o sangue de Cristo, por isso, a partir do século XII, permaneceu somente a hóstia.<sup>22</sup>

A hóstia consagrada passou a possuir vários poderes. Segundo os fiéis: afastava os demônios, curava enfermidades, apagava incêndios, fertilizava solos, etc. Um bom exemplo da força dos chamados mistérios cristãos é o que ocorreu quando do comparecimento do rei Lotário II e sua corte diante do papa Adriano II, que administrava a comunhão. O papa disse ao rei, que tinha abandonado sua esposa para se casar com a concubina:

Se te declaras inocente do crime de adultério, pelo que o papa Nicolau te excomungou, e prometes nunca mais ter relações ilícitas com a malafamada Waldrada, então te aproxima com fé, e toma este sacramento para remissão dos teus pecados. Porém se estás pensando em voltar a te revolveres no pecado de adultério, não o recebas, para que não provoques o terrível juízo de Deus.<sup>23</sup>

O que aconteceu depois fez tremer toda a Europa, pois todos que comungaram naquele dia morreram de uma praga terrível que irrompeu na corte do rei.<sup>24</sup> Esses fatos só contribuíam para aumentar ainda mais a crença em um Deus vingativo e impiedoso. O próprio Jesus, não era gentil, humilde e suave, mas o severo vingador de todo pecado mortal. Quase todas as igrejas tinham representações de Cristo como juiz e pinturas sobre o juízo final que mostravam mais a tortura dos condenados do que a ventura dos justos.<sup>25</sup>

### 3. A Fé

Não compreende nada da Idade Média quem perde de vista que tudo e todos só existem em função da fé cristã: “A religião impõe-se aos espíritos como um absoluto que ninguém discute. Não se vê o menor traço de indiferentismo e menos ainda de ateísmo. Do mais humilde ao mais importante, é uma sociedade inteira que *crê*”. (grifo do autor)<sup>26</sup>

Com frequência, a Idade Média é descrita como o tempo da fé. Foi essa extrema força de convicção que construiu catedrais, lançou os homens nos caminhos da Terra Santa e acendeu as fogueiras da perseguição. Mas, o cristianismo medieval também foi atravessado por dúvidas. A partir do século XIII alguns sermões dão a conhecer as dificuldades de alguns leigos em admitir o milagre eucarístico ou a imortalidade da alma.<sup>27</sup>

<sup>22</sup> DURANT, op. cit, p. 280-281

<sup>23</sup> GONZALES, Justo L. *História ilustrada do Cristianismo*. Vol. 3. A Era das Trevas. Tradução Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, p. 179

<sup>24</sup> loc. cit.

<sup>25</sup> DURANT, op. cit. p. 269

<sup>26</sup> ROPS, op. cit, p. 43

<sup>27</sup> LE GOFF; SCHMITT, op. cit. p. 411.

Na cristandade medieval, porém, também existiam alguns hereges, eram alguns livres pensadores, que se recusavam a ser crédulos e diziam que os mistérios cristãos haviam sido inventados pelos estudiosos antigos para manter os homens em estado de terror e sujeição.<sup>28</sup>

Analisando essas colocações e o medo demonstrado pelos fiéis medievais, observa-se que a fé cristã, apesar de ser o único esteio que tinham, não era suficiente para afastar o temor, pelo contrário, em algumas ocasiões ainda mais o aguçava: “Os cétricos argumentavam que Deus não poderia ser tão cruel a ponto de punir pecados passageiros com sofrimentos infundáveis; ao que os teólogos contestavam que o pecado mortal era uma ofensa contra Deus e, portanto, envolvia culpa infinita”.<sup>29</sup>

Um tecelão de Tolosa, em 1247, declarou: “Se, pudesse agarrar esse Deus que, dentre cada mil homens que criou, salva apenas um e condena o resto, eu o seguraria, com unhas e dentes, como a um traidor, e lhe cuspiria no rosto”.<sup>30</sup>

Essa era a fé medieval, fé no sacerdote, fé nas palavras sacerdotais, não fé em Deus. Os sacerdotes reclamavam que a maioria das pessoas não se preocupavam com o inferno até a hora de sua morte e confiavam que, por mais pecaminosas que tivessem sido as suas vidas, três palavras apenas as salvariam: *ego te absolvo* (eu te absolvo).<sup>31</sup>

Absolvição ansiada tanto pelo soldado violento quanto pelo poeta sensual, citados no início do artigo. Nessa absolvição depositavam sua fé. Fé em homens que tinham o poder de remir pecados; enquanto o próprio Deus, o criador de toda a humanidade, tinha uma face irada e era destituído de amor.

Mostrava-se mais a tortura dos condenados do que a ventura dos justos; somente uma pequena minoria expiava seus pecados na terra; falava-se de um Deus que entre mil homens salvava apenas um; tudo isso confirma que na Idade Média havia muitos que pecavam e poucos que absolviam.

Essa crença cristã pode ser chamada de fé ou era mera credulidade? A fé bíblica dá certeza das coisas que se não vêem, conforme o capítulo onze do livro de Hebreus, mas também promove boas obras, mudança interior e exterior. Já a mera credulidade é a facilidade que uma pessoa tem de crer em tudo que lhe é dito, sem discernimento, investigação, debate, contestação, nada. Crê-se porque se acredita que se deve crer. E isso basta.

Como, porém, poderia o homem medieval que, ao menos sabia ler, ser capaz de examinar, criticar ou contestar aquilo que lhe era ensinado? Segundo Franco Junior: “a função do historiador é compreender, não julgar o passado”.<sup>32</sup> Dentro dessa função Rops observa que nos últimos três séculos de Idade Média houve uma evolução evidente na progressão da fé, tanto em intensidade como em qualidade. Mas, não atingiu a unanimidade. Porém, o traço psicológico predominante nas manifestações humanas era o não questionamento da fé. O historiador afirma: “Nada se fará na terra sem que, direta ou indiretamente, Deus seja o fim, o meio, a testemunha, o juiz. Toda a civilização medieval será sagrada”.<sup>33</sup>

<sup>28</sup> DURANT, op. cit. p. 272-273

<sup>29</sup> DURANT, op. cit. p. 273

<sup>30</sup> COULTON. The inquisition. p. 62, apud DURANT, op. cit. p. 273

<sup>31</sup> DURANT, op. cit. p. 274

<sup>32</sup> FRANCO JR., op. cit. p. 20

<sup>33</sup> ROPS, op. cit. p. 44

Entre os que pecavam e os que absolviam existiram aqueles para quem o amor de Cristo era a única realidade e aqueles cuja conduta era um insulto ao sangue de Cristo, mas mesmo assim O confessavam, como o soldado violento.

## Conclusão

Cabe, como conclusão a resposta de Rops ao argumento clássico:

Se a fé cristã era tão unânime, tão fervorosa, por que os costumes estavam tantas vezes em desacordo com ela? Porque nada seria mais absurdo do que ver na Idade Média uma época paradisíaca de inocência e de doçura universais; mesmo batizados, os homens continuam a ser homens. No entanto, quando se comportam mal, sabem que cometem uma falta e referem-se incessantemente a princípios superiores. É esse respeito pelas verdadeiras hierarquias que funda a ordem do mundo. Com os seus grandes pecados, com a sua credulidade mais ou menos supersticiosa, com a sua doutrina de salvação um pouco barateada, o homem da Idade Média está, apesar de tudo, no caminho real do Cristianismo, porque é humilde diante de Deus e possui uma confiança absoluta na Redenção.<sup>34</sup>

O homem do século XXI respira um atmosfera intelectual. Ele pode pesquisar, ler e criticar. Pode tentar chegar as suas próprias conclusões acerca do que quer crer. Já para o homem medieval restava ver e ouvir, pois não sabia ler. Pelo muito saber vários homens na atualidade são céticos; pelo pouco saber vários homens medievais eram crédulos.

Muitos homens contemporâneos vivem como se Deus não existisse. Lemos em jornais artigos sobre um Deus ocioso, um Deus cansado, um Deus que não se importa com a humanidade e, que, talvez, já morreu. Na Idade Média, Deus não estava morto, nem cansado. Quem sofre mais? O homem medieval com as pestes, inundações e guerras; ou o homem contemporâneo com a violência, a corrupção e o desemprego?

Todos sofreram e sofrem, mas a fé continua a ser o único esteio da humanidade, se dava esperança ao homem medieval, continua a dar ao homem de hoje. O homem medieval não tinha muitos esclarecimentos acerca do que cria; o homem contemporâneo não quer ser esclarecido acerca da fé. Ele prefere a ciência, que segundo a Bíblia afasta da fé. O apóstolo Paulo aconselha seu discípulo: “Ó Timóteo, guarda o depósito que te foi confiado, tendo horror aos clamores vãos e profanos e às oposições da falsamente chamada ciência. A qual professando-a alguns, se desviaram da fé. A graça seja contigo. Amém” (1 Tim 6.20-21).

O homem medieval não queria ser afastado de sua fé, como declararam os bispos da Armênia ao rei da Pérsia: “Nada poderá nos separar desta fé (...) Faze o que quiseres. Se decides nos permitir o livre exercício da nossa fé, nós não te deixaremos por nenhum outro senhor terreno; porém tampouco aceitaremos outro Senhor celestial além de Jesus Cristo, que é o único Deus”.<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> ROPS, op. cit. p. 44-45

<sup>35</sup> GONZALEZ, Justo L. Uma história ilustrada do Cristianismo. Vol. 3, p. 115

Queremos concluir com uma linda declaração de fé de um homem medieval, cujo pensamento influenciou séculos posteriores. Ele buscou usar a razão para esclarecer a fé e não para negá-la:

Não pretendo, Senhor, penetrar em tua profundidade,  
 porque meu intelecto não pode ser comparado com ela.  
 O que desejo é entender, nem que seja de maneira imperfeita, a tua verdade.  
 Esta é a verdade que meu coração ama e crê.  
 Não tento compreender para crer, mas creio, e por isto posso vir a compreender.

Aselmo de Canterbury (1060-1109)<sup>36</sup>

Continuam a existir os que pecam: é a totalidade da raça humana. Também existe, sempre existiu e continuará existindo o que absolve: o nosso Deus. A Bíblia existe também há quase dois mil anos e ela declara que a salvação do homem ocorre unicamente pela misericórdia de Deus, e a nossa fé, que vem de Deus, é que faz toda a diferença: “Pela graça sois salvos, por meio da fé, e isso não vem de vós, é Dom de Deus, não vem das obras para que ninguém se glorie” (Ef. 2.8-9).

## Bibliografia

- ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada*. Da Europa Feudal à Renascença. Vol. 2. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ASSIS, Francisco de. *Escritos de São Francisco*. Testamento. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 166-170.
- BURNS, Edward McNall. *História da civilização ocidental*. Vol. 1. Porto Alegre: Editora Globo, 1981, p. 317-390
- DUBY, Georges. *Idade média, Idade dos homens, do amor e outros ensaios*. Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 11-27
- DURANT, Will. *História da civilização*. 4ª parte. Tomo I A idade da Fé. Tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho e outros. São Paulo: Cia Editora Nacional. 1957.
- GONZALES, Justo L. *Uma história ilustrada do Cristianismo*. Vol. 3. A Era das Trevas. Tradução Hans Udo Fuchs. São Paulo: Edições Vida Nova, 1988. p. 161-181.
- \_\_\_\_\_. *Uma história ilustrada do Cristianismo*. Vol. 4. A Era dos Altos Ideais. 2ª edição. Tradução Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1989, p.127-132.
- FRANCO JR., Hilário. *A idade média*. Nascimento do ocidente. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999, p. 107-124; 149-169.
- Le GOFF, Jacques (dir.). *O homem medieval*. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editora Presença, 1989, 258 p.
- \_\_\_\_\_. *A civilização do ocidente medieval*. Vol. II. 2ª edição. Tradução de Manuel Ruas, Lisboa: Editora Estampa, 1995, p. 9-12
- Le GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do ocidente medieval*. Vol. 1. Coordenador da tradução Hilário Franco Jr. São Paulo: EDUSC e Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 337-350; 411-422.
- ROPS, Daniel. *A igreja das catedrais e das cruzadas*. Tradução Emérico da Gama. S. P: Quadrante, 1993. p. 43-93

<sup>36</sup> GONZALEZ, Justo L. *Uma história ilustrada do Cristianismo*. Vol. 4. A era dos altos ideais. 2ª edição. Tradução Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1989. p.127

VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na idade média ocidental*. Tradução Lucy Magalhães, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 31-64.